

## Os porquês da fome

Esther Vivas

Vivemos num mundo de abundância. Actualmente, produzimos comida para 12 mil milhões de pessoas, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), quando no planeta habitam 7 mil milhões. Comida, existe. Então, por que razão uma em cada sete pessoas no mundo passa fome?

A emergência alimentar que afecta mais de 10 milhões de pessoas no Corno de África voltou colocar na agenda actual a fatalidade de uma catástrofe que não tem nada de natural. Secas, inundações, conflitos bélicos... contribuem para agudizar uma situação de extrema vulnerabilidade alimentar, mas não são os únicos factores que a explicam.

A situação de fome no Corno de África não é novidade. A Somália vive uma situação de insegurança alimentar há 20 anos. E, periodicamente, os meios de comunicação removem nossos confortáveis sofás e nos recordam o impacto dramático da fome no mundo. Em 1984, quase um milhão de pessoas mortas na Etiópia; em 1992, 300 mil somalenses faleceram por causa da fome; em 2005, quase cinco milhões de pessoas à beira da morte no Malawi, só para citar alguns casos.

A fome não é uma fatalidade inevitável que afecta determinados países. As causas da fome são políticas. Quem controla os recursos naturais (terra, água, sementes) que permitem a produção de comida? A quem beneficiam as políticas agrícolas e alimentares? Hoje, os alimentos converteram-se numa mercadoria e a sua função principal, alimentar-nos, ficou em segundo plano.

Apontamos a seca, com a consequente perda de colheitas e gado, como um dos principais desencadeadores da fome no Corno da África, mas como se explica que países como Estados Unidos ou Austrália, que sofrem periodicamente secas severas, não sofram fomes extremas? Evidentemente, os fenómenos meteorológicos podem agravar os problemas alimentares, mas não bastam para explicar as causas da fome. No que diz respeito à produção de alimentos, o controlo dos recursos naturais é a chave para entender quem e para quem se produz.

Em muitos países do Corno de África, o acesso à terra é um bem escasso. A compra massiva de solo fértil por parte de investidores estrangeiros (agroindústria, Governos, fundos especulativos...) tem provocado a expulsão de milhares de camponeses de suas terras, diminuindo a capacidade destes países para se auto-abastecer. Assim, enquanto o Programa Alimentar Mundial tenta dar de comer a milhões de refugiados no Sudão, dá-se o paradoxo de que governos estrangeiros (Kuwait, Emiratos Árabes Unidos, Coreia...) compram ali terras para produzir e exportar alimentos para suas populações.

Ainda assim, há que recordar que a Somália, apesar das secas recorrentes, foi um país auto-suficiente na produção de alimentos até ao final dos anos setenta. A sua soberania alimentar foi arrebatada em décadas posteriores. A partir dos anos oitenta, as políticas impostas pelo Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial para que o país pagasse sua dívida com o Clube de Paris, forçaram a aplicação de um conjunto de medidas de ajustamento estrutural. No que se refere à agricultura, estas implicaram uma política de liberalização comercial e de abertura dos seus mercados, permitindo a entrada massiva de produtos subvencionados, como o arroz e o trigo, de multinacionais agro-industriais norte-americanas e europeias, que começaram a vender os seus produtos abaixo do preço de custo e fazendo uma competição desleal com os produtores autóctones. As

desvalorizações periódicas da moeda somalense geraram também a alta do preço dos bens de produção e o fomento de uma política de monocultivos para a exportação forçou, paulatinamente, o abandono do campo. Histórias parecidas aconteceram não só nos países da África, mas também na América Latina e na Ásia.

A subida do preço dos cereais básicos é outro dos elementos assinalados como detonante da fome no Corno de África. Na Somália, o preço do milho e do sorgo vermelho aumentou 106% e 180%, respectivamente, em apenas um ano. Na Etiópia, o custo do trigo subiu 85% em relação ao ano anterior. E no Quênia, o milho alcançou um valor 55% superior ao de 2010. Uma alta que converteu estes alimentos em inacessíveis. Mas, quais são as razões da escalada dos preços? Vários indícios apontam a especulação financeira das matérias primas alimentares como uma das principais causas.

O preço dos alimentos é calculado nas bolsas de valores, sendo a mais importante, a nível mundial, a de Chicago, enquanto que na Europa os alimentos comercializam-se nas bolsas de valores de Londres, Paris, Amesterdão e Frankfurt. Mas, hoje em dia, a maior parte da compra e venda destas mercadorias não corresponde a intercâmbios comerciais reais. Estima-se que, nas palavras de Mike Masters, do Hedge Fund Masters Capital Management, 75% do investimento financeiro no setor agrícola é de carácter especulativo. Compram-se e vendem-se matérias primas com o objectivo de especular e fazer negócio, repercutindo finalmente num aumento do preço da comida para o consumidor final. Os mesmos bancos, fundos de alto risco, companhias de seguros, que causaram a crise das hipotecas subprime, são quem hoje especula com a comida, aproveitando-se dos mercados globais profundamente desregularizados e altamente rentáveis.

A crise alimentar à escala global e a fome no Corno de África, em particular, são resultado da globalização alimentar ao serviço dos interesses privados. A cadeia de produção, distribuição e consumo de alimentos está nas mãos de umas poucas multinacionais que antepõem seus interesses particulares às necessidades colectivas e que ao longo das últimas décadas têm enfraquecido, com o apoio das instituições financeiras internacionais, a capacidade dos Estados do Sul para decidir sobre suas políticas agrícolas e alimentares.

Voltando ao princípio, por que razão existe fome num mundo de abundância? A produção de alimentos multiplicou por três desde os anos sessenta, enquanto que a população mundial apenas duplicou desde então. Não estamos a enfrentar um problema de produção de comida, mas sim um problema de acesso. Como assinalou o relator da ONU para o direito à alimentação, Olivier de Schutter, numa entrevista ao EL PAÍS: "A fome é um problema político. E uma questão de justiça social e de políticas de redistribuição".

Se queremos acabar com a fome no mundo é urgente apostar noutras políticas agrícolas e alimentares que coloquem no seu centro as pessoas, as suas necessidades, aqueles que trabalham a terra e o eco-sistema. Apostar naquilo a que o movimento internacional da Via Campesina chama de "soberania alimentar", e recuperar a nossa capacidade de decidir sobre aquilo que comemos. Tomando emprestado um dos lemas mais conhecidos do Movimento 15-M, é necessário uma "democracia real, já" na agricultura e na alimentação.

\*Esther Vivas, do Centro de Estudos sobre Movimentos Sociais da Universidade Pompeu Fabra, autora de "Del campo al plato. Los circuitos de producción y distribución de alimentos". Artigo no *El País*, 30/07/2011.

\*\*Tradução para português : Paulo Marques em [www.economiasocialistads.blogspot.com](http://www.economiasocialistads.blogspot.com)

\*\*\*Revisão CIDAC

+info: <http://esthervivas.wordpress.com/portugues>